

# NA BERLINDA: O AMOR NOS TEMPOS DO CÓLERA

Vera Lúcia de Albuquerque Sant'Anna

UERJ—UFRJ—Letras

GARCIA MARQUEZ, Gabriel. O amor nos tempos do cólera. Tradução de Antonio Callado. Rio de Janeiro, Record, 1986.

Gabriel García Márquez, colombiano da cidade de Aracataca, nascido a 6 de março de 1928, na sua obra de ficção vem demonstrando uma íntima ligação com o elemento tempo. Em *Ninguém escreve ao coronel*, um ex-combatente passa o tempo da sua vida aguardando uma correspondência que não chega; em *Cem anos de solidão*, prêmio Nobel de Literatura de 1982, a partir do próprio título estabelece-se uma relação com o transcurso do tempo; em *O outono do Patriarca*, trata de reminiscências (volta do tempo na memória) de um ditador; no seu romance mais recente, *O amor nos tempos do cólera*, continua em evidência o tempo como fator de importância fundamental na estruturação da narrativa.

Na arte, o homem consegue ultrapassar o limite inexorável do tempo: não aceita a cerca à sua volta, cerceando-lhe a existência, quer ir além. Não lhe basta o tempo presente da sua vida, é preciso criar o Tempo maiúsculo, envolvente, onde as fronteiras não dependem da obrigatoria sucessão linear dos fatos.

Dentro de um mundo onde existem o tempo e o Tempo, é como nos sentimos ao ler *O amor nos tempos do cólera*. García Márquez escreve uma história de amor com final feliz que, contudo, não impede a sua observação crítica da natureza das relações humanas, nem disfarça as dificuldades concretas (políticas, econômicas e sociais) que enfrenta a sociedade colombiana costeira, no início do século.

Um homem, Florentino Ariza, apaixona-se por uma mulher, Fermina Daza. É correspondido, mas o pai da jovem não quer aceitá-lo como pretendente e, por isso, faz a filha viajar para esquecê-lo. Passa-se o tempo, a jovem volta e descobre que nunca amou aquele homem como pensava. Ele, porém, mantém-se fiel a seu amor, chegando a adoecer — os sintomas do cólera e da paixão se confundem. A jovem se casa com um médico recém chegado da Europa, o doutor Juvenal Urbino. Durante cinquenta e um anos, nove meses e quatro dias — até

a vivez da mulher amada — o noivo rejeitado esteve aguardando a sua oportunidade. Reaproxima-se da mulher e começam um amor que não tem tempo marcado para durar: é o tempo do cólera.

García Márquez nos põe diante de duas situações: o tempo finito da relação entre o casal Juvenal-Fermina, estruturado linearmente, comprovável pela observação da vida diária (guerras civis, morte de Victor Hugo, encontro com Oscar Wilde), está mais próximo da ligação real, cheia de dificuldades a serem vencidas no dia-a-dia — o casal aprendeu a amar-se na convivência, com filhos, alegrias, tristezas, mal entendidos, carinhos — entre Florentino-Fermina a relação temporal é outra. Enquanto esteve afastado de sua amada, contou todos os dias, um após outro, sucessivamente, o que lhe permitiu ter relações amorosas finitas com outras mulheres. Mas, a partir do momento em que estão juntos, funda-se um novo tempo: é o Tempo infinito, mítico, sem marcas, sem linearidade. Rompem-se todas as barreiras: o Tempo do cólera é o Tempo do amor, é o artifício do Tempo Eterno.

Se antes García Márquez trabalhou com o mágico-real do nosso continente, agora o faz com o real perfeitamente possível e, por isso, mágico, de uma história de amor realizado. Parece-nos que o triunfo não é da solidão, nem da destruição total, mas do sentimento baseado na visão positiva do mundo: é a reconciliação do homem com o tempo em todas as suas dimensões, promovida pelo amor.

#### DEPOIMENTOS

*Gostei, Gostei muito. Tanto pelo prazer da leitura como pela beleza da escritura. O cotidiano tratado poeticamente, a imaginação como instrumento de elaboração da realidade, a sedução da narrativa... fazem com que O amor nos tempos do cólera seja algo assim como um jogo, um fascinante jogô de adivinhação do mundo.*

*O Amor nos tempos do cólera me decepcionou. Talvez pela expectativa criada pela crítica e pelos livros anteriormente, esperava uma obra prima. Não é. Não consigo definir bem as falhas. Claro que o livro revela o escritor tarimbado, com domínio de seu instrumento, mas evidencia o escritor que descobriu o caminho de fazer sucesso e se transformar em best seller. Achei o livro longo, redundante, com diálogos falsos. Não encontrei a escritura elaborada, cuidadosamente trançada que vai criando clima e construindo a trama com a cumplicidade do leitor.*

*O autor constrói personagens incoerentes e inverossímeis e não ousa quase (nem mesmo nos são reveladas as eficientes cartas de Florentino Ariza). Em consequência a trama não ultrapassa as limitadas possibilidades do cotidiano e se às vezes há uma tentativa de subversão do senso comum, logo tudo se acomoda e a ordem se restabelece, frustrando a expectativa do leitor mais exigente.*

*Não gostei porque o livro não surpreende, não inova, se ressentido da falta do clima de encanto e sedução encontrado em Cem Anos de solidão e Crônica de uma morte anunciada.*

*O potencial de magia do romance não é atingido e apesar da abordagem fácil e de toda a força do marketing publicitário que o precedeu transformando-o num best-seller, a narrativa decepciona pois é conduzida através de estereótipos, associações gastas e esquemas conhecidos e previsíveis.*

*O livro prende o leitor por se iniciar por um desfecho que deverá ser surpreendentemente esclarecido ao longo de sua leitura. Do início ao fim, acompanhando o drama central, o leitor tem oportunidade de quase visualizar as condições de vida das elites e das camadas populares urbanas, ao fim do séc. XIX e início do séc. XX na América Central. Essas condições são evidenciadas quando as personagens enfrentam epidemias, endemias, os problemas da falta de saneamento básico, das péssimas condições de moradia, das más condições das estradas, dos antiquados recursos da medicina, etc.*

*Paralelamente despontam os primeiros impulsos para a periferia, e os abandonam nos bairros à margem desse impulso. Com muita ironia o autor levanta a questão da resistência à mudança, da condição feminina, da sujeição e confinamento e os primeiros sintomas de rebeldia ou estratégia de acomodação e exploração dessa situação. Trata da ascensão das camadas médias e das influências externas sobre o seu estilo de vida.*

*Achei Amor nos tempos do cólera um dos romances mais sensoriais que já pude ler: os cheiros, os gostos, os climas, o astral, o suor no corpo, as sensações na pele. Era Belém onde vivi, meu passado presente — só faltavam as mangueiras — a luminosidade do setentrião, a província que não se quer província, os quatrocentões nobres e os não tão nobres. Belém, S. Luís, Guianas, Equador, equadores tropicais... Gostei de acompanhar a história daquelas vidas, daqueles amores desencontrados, mas sobretudo a história daquela mulher fascinante que chega à velhice reinventando-se a cada proposta nova da vida. É um prazer ver García Márquez falar da personagem e seus pequenos e grandes sentimentos, defeitos, qualidades e ações com um conhecimento tão grande da alma feminina. Quando terminei de ler O amor nos tempos do cólera senti uma vontade irresistível de reler Cem anos de solidão, o que fiz com um prazer novo, tentando entender os detalhes do livro e da história da América Latina, onde parece que o progresso vem junto com um ar de decadência inelutável.*

*Com a mesma ironia e finura o autor deixa clara a rudeza da vida, seus reflexos sobre os problemas individuais, tudo isso à medida que o fio da trama central é seguido com interesse crescente.*

*O livro é magistral porque não faz pregação mas trata de questões humanas essenciais e permanentes de modo que, de repente o final do séc. XIX e início do XX aparecem claramente ao leitor como os dias de hoje na América Latina e o indivíduo, como alguém à mercê de contingências que moldam sua vida e determinam seu destino em qualquer época, sobretudo não percebe esses condicionamentos.*

Marilena Ramos  
Barbosa

História  
UERJ

Maria Esmeralda  
Atriz, professora de  
Interpretação no CAI.

Carlos Alberto  
Lopes Mayer  
Funcionário Público

Marion Villas Boas  
Educação  
UERJ

Sara Marta Attié  
Professora